

O Partido Socialista e o Revolucionarismo sem Partido

Vladimir Ilitch Lénine
1905

Publicado a 16 de Novembro e a 2 de Dezembro de 1905
no jornal Nóvaia Jizn nº22 e 27

Presente tradução na versão das Obras Escolhidas de V.I.Lénine
Edição em Português da Editorial Avante, 1986, t1, pp 283-290
Traduzido das O.Completas de VILénine 5ªEd. russo t.12, pp. 133-141

I

O movimento revolucionário na Rússia, abarcando rapidamente novas e novas camadas da população, cria toda uma série de organizações sem partido. A necessidade de união irrompe com tanto mais força quanto mais tempo a sufocaram e perseguiram. Surgem constantemente organizações deste ou daquele tipo, muitas vezes ainda informes, e o seu carácter é extraordinariamente original. Não há aqui limites rígidos, semelhantes aos limites das organizações europeias. Os sindicatos tomam um carácter político. A luta política funde-se com a económica - por exemplo, sob a forma de greves -, criando formas confluentes de organizações temporárias ou mais ou menos permanentes.

Qual é o significado deste fenómeno? Qual deve ser a atitude da social-democracia em relação a ele?

Um partidarismo rigoroso é um fenómeno que acompanha e é resultado de uma luta de classes altamente desenvolvida. E, inversamente, no interesse de uma luta de classes aberta e ampla é necessário o desenvolvimento de um partidarismo rigoroso. E por isso que o partido do proletariado consciente, a social-democracia, luta sempre, com toda a razão, contra o sem-partidarismo e trabalha firmemente para criar um partido socialista operário consequente do ponto de vista dos princípios e solidamente coeso. Este trabalho tem êxito entre as massas na medida em que o desenvolvimento do capitalismo cinde cada vez mais profundamente todo o povo em classes, agudizando as contradições entre elas.

É perfeitamente compreensível que a presente revolução na Rússia tenha gerado e gere tantas organizações sem partido. Esta revolução é uma revolução democrática, isto é, burguesa quanto ao seu conteúdo socioeconómico. Esta revolução derruba o regime autocrático feudal, libertando de sob ele o regime burguês, realizando, deste modo, as reivindicações de todas as classes da sociedade burguesa, sendo neste sentido uma revolução de todo o povo. Isto não significa, naturalmente, que a nossa revolução não seja de classe; naturalmente que não. Mas ela dirige-se contra as classes e castas que se tornaram ou se estão a tornar caducas do ponto de vista da sociedade burguesa, alheias a esta sociedade, que dificultam o seu desenvolvimento. E como toda a vida económica do país se tornou já burguesa em todos os seus traços fundamentais, como a gigantesca maioria da população vive já de facto em condições burguesas de existência, os elementos contra-revolucionários são naturalmente extremamente reduzidos em número, são verdadeiramente «um punhado» em comparação com o «povo». O carácter de classe da revolução burguesa manifesta-se por isso inevitavelmente no carácter «popular geral», à primeira vista não de classe, da luta de todas as classes da sociedade burguesa contra a autocracia e o regime de servidão.

A época da revolução burguesa distingue-se tanto na Rússia como noutros países por um estado relativamente não desenvolvido das contradições de classe da sociedade capitalista. É verdade que o capitalismo na Rússia está hoje significativamente mais desenvolvido do que na Alemanha de 1848, para já não falar da França de 1789, mas não há dúvidas de que no nosso país as contradições puramente capitalistas são ainda encobertas em grau muitíssimo forte pelas contradições entre a «cultura» e o asiaticismo, o europeísmo e o tartarismo, o capitalismo e o regime de servidão, isto é, avançam para primeiro plano as reivindicações cuja satisfação desenvolverá o capitalismo, o depurará das escórias do feudalismo, melhorará as condições de vida e de luta tanto para o proletariado como para a burguesia.

De facto, se examinarmos as reivindicações, mandatos e doléances¹ que são hoje formuladas em número incontável na Rússia em cada fábrica, em cada escritório, em cada regimento, em cada destacamento de polícia, em cada diocese, em cada estabelecimento de ensino, etc., etc., veremos

1 Queixas (N. Ed.)

facilmente que a sua imensa maioria são reivindicações puramente «culturais», se assim nos podemos exprimir. Quero dizer que não são propriamente reivindicações especificamente de classe mas reivindicações de direitos elementares, reivindicações que não destroem o capitalismo, antes, pelo contrário, o introduzem no quadro do europeísmo, libertam o capitalismo da barbárie, do selvagismo, da corrupção e de outros vestígios «russos» da servidão. Em essência, mesmo as reivindicações proletárias se limitam na maioria dos casos a transformações que são plenamente realizáveis no quadro do capitalismo. O proletariado da Rússia reivindica desde já e imediatamente não aquilo que mina o capitalismo mas aquilo que o depura e apressa e reforça o seu desenvolvimento.

Evidentemente, a situação particular do proletariado na sociedade capitalista conduz a que a aspiração dos operários ao socialismo, a sua união com o partido socialista, irrompam com uma força espontânea logo nos graus mais precoces do movimento. Mas reivindicações propriamente socialistas pertencem ainda ao futuro, e na ordem do dia estão, em política, as reivindicações democráticas dos operários, e na economia as reivindicações económicas nos limites do capitalismo. Mesmo o proletariado faz a revolução, por assim dizer, nos limites do programa mínimo e não do programa máximo. Sobre o campesinato, essa gigantesca massa da população, esmagadora pelo seu número, nem é preciso falar. O seu «programa máximo», os seus objectivos finais, não saem fora dos limites do capitalismo, que se desenvolveria ainda mais larga e exuberantemente se toda a terra passasse para todo o campesinato e para todo o povo. A revolução camponesa é hoje uma revolução burguesa, por mais que estas palavras «ofendam» o sentimental ouvido dos sentimentais cavaleiros do nosso socialismo pequeno-burguês.

O carácter que esboçámos da revolução em curso gera muito naturalmente organizações sem partido. Todo o movimento no seu conjunto adquire inevitavelmente a marca do sem-partidarismo exterior, a aparência de sem-partidarismo - mas só a aparência, naturalmente. A necessidade de uma vida «humana», culta, da união, da defesa da sua dignidade, dos seus direitos de homem e de cidadão, abarca tudo e todos, une todas as classes, ultrapassa largamente qualquer partidarismo, sacode pessoas que estão ainda muito longe de serem capazes de se elevar até ao partidarismo. A premência dos direitos e reformas imediatos, elementarmente necessários, afasta, por assim dizer, os pensamentos e considerações sobre qualquer coisa de mais além. A entrega à luta em curso, entrega necessária e legítima, sem a qual é impossível o êxito da luta, obriga a idealizar estes objectivos imediatos e elementares, pinta-os de cor-de-rosa, reveste-os mesmo por vezes de roupagens fantásticas; o simples democratismo, o democratismo burguês vulgar, é tomado por socialismo e «é registado» como socialismo. Todos parecem «sem partido»; todos parecem fundir-se num só movimento «libertador» (de facto: que liberta toda a sociedade burguesa); todos adquirem um leve, ligeiro matiz de «socialismo», particularmente devido ao papel de vanguarda do proletariado socialista na luta democrática.

A ideia do sem-partidarismo não pode, em tais condições, deixar de alcançar certas vitórias temporárias. O sem-partidarismo não pode deixar de se tornar uma palavra de ordem em moda, porque a moda se arrasta impotentemente atrás da vida, e o que parece ser o fenómeno mais «habitual» da superfície política é precisamente a organização sem partido, o democratismo sem partido, o grevismo sem partido, o revolucionarismo sem partido.

Pergunta-se agora: qual **tem** de ser a atitude dos partidários, dos representantes das diversas classes, em relação a este facto do sem-partidarismo e a esta ideia do sem-partidarismo? - «tem de» não no sentido subjectivo mas no objectivo, isto é, não no sentido de qual deve ser a atitude em relação a isto, mas no sentido de qual a atitude em relação a este facto que se forma inevitavelmente na dependência dos interesses e dos pontos de vista das diferentes classes.

II

Como já mostrámos, o sem-partidarismo é um produto - ou, se quiserem, uma expressão - do carácter burguês da nossa revolução. A burguesia não pode deixar de tender para o sem-partidarismo, pois a ausência de partidos entre os combatentes pela liberdade da sociedade burguesa significa a ausência de uma nova luta contra esta própria sociedade burguesa. Quem trava uma luta «sem partido» pela liberdade ou não tem consciência do carácter burguês da liberdade, ou santifica este regime burguês, ou adia a luta contra ele, o seu «aperfeiçoamento», para as calendas gregas². E, inversamente quem consciente ou inconscientemente, está ao lado da ordem burguesa não pode deixar de sentir atracção pela ideia de sem-partidarismo.

Numa sociedade baseada na divisão em classes, a luta entre as classes inimigas torna-se inevitavelmente, num certo grau do seu desenvolvimento, uma luta política. A expressão mais integral, completa e acabada da luta política das classes é a luta dos partidos. O sem-partidarismo é indiferença em relação à luta dos partidos. Mas esta indiferença não equivale a neutralidade, a abstenção da luta, porque na luta de classes não pode haver neutros; na sociedade capitalista não é possível «abster-se» de participar na troca de produtos ou de força de trabalho. E a troca gera inevitavelmente a luta económica, e na sua sequência também a luta política. A indiferença em relação à luta não é por isso, na realidade, de modo nenhum afastamento da luta, abstenção dela ou neutralidade. A indiferença é um apoio tácito àquilo que é forte, àquilo que domina. Quem na Rússia era indiferente à autocracia antes da sua queda durante a revolução de Outubro apoiava tacitamente a autocracia. Quem na Europa actual é indiferente ao domínio da burguesia apoia tacitamente a burguesia. Quem tem uma atitude indiferente em relação à ideia do carácter burguês da luta pela liberdade apoia tacitamente o domínio da burguesia nesta luta, o domínio da burguesia na Rússia livre que está a nascer. O desinteresse político é saciedade política. O homem saciado tem uma atitude «desinteressada», «indiferente» em relação a um pedaço de pão; mas o faminto será sempre «partidário» na questão do pedaço de pão. O «desinteresse e indiferença» em relação ao pedaço de pão não significam que um homem não precise de pão mas que esse homem tem sempre o pão assegurado, que ele nunca teve falta de pão, que ele se acomodou firmemente no «partido» dos saciados. O sem-partidarismo na sociedade burguesa é apenas a expressão hipócrita, encoberta, passiva, do facto de se pertencer ao partido dos saciados, ao partido dos dominantes, ao partido dos exploradores.

O sem-partidarismo é uma ideia burguesa. O partidarismo é uma ideia socialista. Esta tese, em geral, é aplicável a toda a sociedade burguesa. Naturalmente, é preciso saber aplicar esta verdade geral às diferentes questões particulares e casos particulares. Mas esquecer esta verdade, numa altura em que toda a sociedade burguesa no seu conjunto se ergue contra o regime de servidão e a autocracia, significa renunciar de facto à crítica socialista da sociedade burguesa.

A revolução russa, apesar de se encontrar ainda no começo de seu desenvolvimento, fornece já bastante material ara confirmar as considerações gerais expostas. Só a social-democracia, o partido do proletariado consciente, sempre defendeu e defende um rigoroso partidarismo. Os nossos liberais, representantes das concepções da burguesia, não podem suportar o partidarismo socialista e não querem ouvir falar da luta de classes: basta lembrar os recentes discursos do Sr. Róditchev, que repetiu pela centésima vez aquilo que disse e ruminou tanto a *Osvobodénie* no estrangeiro como os incontáveis órgãos vassalos do liberalismo russo. Finalmente, a ideologia da classe intermédia, a pequena burguesia, encontrou uma clara expressão nas concepções dos «radicais» russos de diversos matizes, a começar pelo *Nacha Jizn* e pelos «radicais-democratas»³ e a acabar nos

2 **Calendas:** designação do primeiro dia do mês entre os antigos romanos. Os gregos não tinham tais designações. Adiar para as calendas gregas significa nunca realizar, fazer fracassar uma coisa.

3 **Radicais-democratas:** organização pequeno-burguesa na Rússia, que se formou em Novembro de 1905. Os radicais-democratas apresentavam a reivindicação da república democrática, embora também se conciliassem com a monarquia constitucional havendo responsabilidade do conselho de ministros perante o parlamento; quanto à

«socialistas-revolucionários». Estes últimos manifestaram a sua confusão entre socialismo e democratismo do modo mais claro na questão agrária e precisamente na palavra de ordem de «socialização» (da terra sem socialização do capital). É também sabido que, tolerantes em relação ao radicalismo burguês, eles são intolerantes em relação à ideia do partidarismo social-democrata.

Não entra no nosso tema uma análise de como precisamente os interesses das diferentes classes se reflectem no programa e na tática dos liberais e radicais russos de todos os tipos. Só de passagem tocámos aqui esta interessante questão e temos de passar agora às conclusões políticas práticas sobre a atitude do nosso partido em relação às organizações sem partido.

É admissível a participação de socialistas nas organizações sem partido? Se sim, em que condições é ela admissível? que tática se deve aplicar nessas organizações?

À primeira questão não se pode responder com um «não» incondicional e de princípio. Seria incorrecto dizer que a participação dos socialistas em organizações sem partido (isto é, mais ou menos consciente ou inconscientemente burguesas) não é admissível em nenhum caso e em nenhuma condição. Na época da revolução democrática a recusa de participar em organizações sem partido equivaleria em certos casos à recusa de participar na revolução democrática. Mas é indubitável que os socialistas devem circunscrever estes «certos casos» com limites muito estreitos, que eles se podem admitir semelhante participação em condições rigorosamente definidas e limitadas. Porque, se as organizações sem partido são geradas, como já dissemos, pela relativa falta de desenvolvimento da luta de classes, por outro lado o rigoroso partidarismo é uma das condições que tornam a luta de classes consciente, clara, definida, baseada em princípios.

A salvaguarda da independência ideológica e política do partido do proletariado é um dever constante, imutável e incondicional dos socialistas. Quem não cumpre este dever deixa **de facto** de ser socialista, por mais sinceras que sejam as suas convicções «socialistas» (socialistas em palavras). A participação em organizações sem partido só como excepção é admissível para um socialista. E os próprios objectivos desta participação e o seu carácter, condições, etc., devem ser inteiramente subordinados à tarefa fundamental: preparar e organizar o proletariado socialista para dirigir conscientemente a revolução socialista.

As circunstâncias podem obrigar-nos a participar em organizações sem partido, especialmente na época da revolução democrática e em particular da revolução democrática em que o proletariado desempenha um papel destacado. Essa participação pode revelar-se necessária, por exemplo, no interesse da propaganda do socialismo perante um auditório indefinidamente democrático ou no interesse da luta conjunta dos socialistas e dos democratas revolucionários contra a contra-revolução. No primeiro caso essa participação será um meio de fazer propaganda das nossas concepções; no segundo será um acordo de combate para alcançar determinados objectivos revolucionários. Em ambos os casos a participação só pode ser temporária. Em ambos os casos ela só é admissível com uma completa defesa da independência do partido operário e com um controlo e direcção obrigatórios por todo o partido no seu conjunto dos membros e grupos do partido «delegados» às associações ou sovietes sem partido.

Quando a actividade do nosso partido era secreta, a realização desse controlo e direcção apresentava dificuldades gigantescas, por vezes quase inultrapassáveis. Agora, quando a actividade do partido se está a tornar cada vez mais aberta, pode-se e deve-se realizar este controlo e esta direcção do modo mais amplo e obrigatoriamente não apenas perante as «cúpulas» mas também perante as «bases» do partido, perante todos os operários organizados que fazem parte do partido. Os relatórios sobre a

questão agrária, pronunciavam-se pela expropriação das terras do Estado e da Igreja sem qualquer compensação e pela expropriação das terras privadas com uma compensação mínima. A organização dissolveu-se em começos de 1906.

actuação dos sociais-democratas nas associações ou sovietes sem partido, os relatórios sobre as condições e tarefas dessa actuação, as resoluções das organizações do partido de todo o tipo a propósito dessa actuação, devem obrigatoriamente fazer parte da prática do partido operário. Só semelhante participação **real** do partido no seu conjunto, participação na **direcção** de toda essa actuação, é que pode confrontar na prática o trabalho verdadeiramente socialista com o trabalho democrático geral.

Que tática devemos nós aplicar nas associações sem partido? Em primeiro lugar, aproveitar todas as possibilidades para estabelecer ligações independentes e fazer propaganda de todo o nosso programa socialista. Em segundo lugar, definir as tarefas políticas imediatas do momento do ponto de vista da realização mais plena e decidida da revolução democrática, lançar palavras de ordem políticas na revolução democrática, apresentar o «programa» das transformações que a democracia revolucionária combatente, diferentemente da democracia liberal traficante, deve realizar.

Só colocando assim a questão pode ser admissível e frutuosa a participação de membros do nosso partido nas organizações revolucionárias sem partido criadas hoje pelos operários, amanhã pelos camponeses, depois de amanhã pelos soldados, etc. Só colocando assim a questão estaremos em condições de cumprir a dupla tarefa do partido operário na revolução burguesa: levar até ao fim a revolução democrática, alargar e consolidar os quadros do proletariado socialista, que precisa da liberdade para a luta implacável pelo derrubamento do domínio do capital.